

Botando a lenha na fogueira do guató

Gustavo GODOY

University of Texas at Austin

Kristina BALYKOVA

University of Texas at Austin

EDITORES

Kristine Stenzel (UFRJ)

Luiz Amaral (UMass Amherst)

ABSTRACT

The Guató people inhabit two indigenous lands in Brazil: one in the state of Mato Grosso and the other in the state of Mato Grosso do Sul. The Guató language is critically endangered and has only two fluent speakers. The two speakers have no relationship with each other and are not in touch with other Guató. Given this scenario, the leaders of both Guató communities have been concerned with reclaiming the ancestral language. However, differences in how the two indigenous lands were formed have resulted in quite different experiences with the Guató language for the inhabitants. In this paper, we discuss maintenance and revitalization activities for the Guató language in the two indigenous lands considering concepts for language planning. We describe these activities, classifying them into three broad fields of action: status planning, corpus planning, and acquisition planning.

RESUMO

O povo guató ocupa duas terras indígenas no Brasil, uma em Mato Grosso e outra em Mato Grosso do Sul. A língua guató, criticamente ameaçada, conta com apenas dois falantes fluentes. Os dois não mantêm contato entre si e tampouco se relacionam cotidianamente com uma comunidade guató. Nesse cenário, a retomada da língua ancestral tem preocupado as lideranças de ambas as comunidades guató. No entanto, as diferenças na formação das duas terras indígenas contribuíram para que seus moradores tenham experiências bastante distintas com o guató. Neste artigo, procuramos discutir as atividades de manutenção e revitalização da língua guató nas duas terras indígenas à luz de conceitos do planejamento linguístico. Descrevemos essas atividades, visando a classificá-las em três grandes áreas de ação: planejamento de status, planejamento de

corpus e planejamento de aquisição.

1. INTRODUÇÃO

Segundo um ensinamento do povo mbya, onde há cinzas, já teve fogueira, e com as cinzas, é possível reacender a chama da persistência¹. Quando a chama de *uma* idioma renasce? Como o processo de seu apagamento, muitas vezes tido como inevitável, é contrariado? Pretendemos refletir sobre as brasas do guató, língua nativa do Pantanal, para contribuirmos com alguma lenha na sua fogueira. “A idioma” (ou “dioma” e mesmo “índioma”) é como o guató é chamado no Pantanal. Por isso, usamos aqui a palavra *idioma* no gênero feminino, seguindo o uso de nossos interlocutores pantaneiros.

Como acontece em muitos povos, o nome da idioma em guató é “fala de gente”: **/go-ʃéuvú i-ótú/** (NOMINAL-gente 3SINGULAR-falar), ou então, na forma de composição, **/g-ódú-ʃéuvú/** (NOMINAL-falar-gente). É uma língua geneticamente isolada e, considerando a antiguidade do contato, resiliente: já no século XVI, o povo guató lutou, junto com seus aliados, contra a invasão espanhola (Cabeza de Vaca, 2009 [1555]).

O Guató resiste e nunca esteve extinto. Apesar desta persistência que durou praticamente toda a história colonial da América do Sul, a língua é criticamente ameaçada. Há dois falantes mais competentes, alguns falantes de herança e lembrantes. Todos eles usam, atualmente, o português para a comunicação diária. Passaram por anos de atrito linguístico, o que impactou na confiança e na competência em guató. Embora a comunidade de fala tenha se desagregado, a maioria dos membros das comunidades guató vê como importante a preservação da língua.

As possibilidades para a interação entre os guató-falantes foram se tornando cada vez mais restritas ao longo do século XX, e as microcomunidades da idioma foram entrando em colapso. A inserção de homens neobrasileiros nas comunidades guató determinou a substituição da língua indígena pelo português. Por volta da década de 1960, a última família transmitiu o Guató de forma “natural”, isto é, em contexto familiar monolíngue.

Ao mesmo tempo, a identidade guató foi cerceada no contexto regional, onde os Guató eram considerados “bugres” ou “abugrados”, logo, gente a ser integrada e desprezada. A ideologia linguística dominante justificou as atitudes negativas em relação à idioma.

Após perder progressivamente seu território de fala para o português, o guató começou a se reerguer. A idioma teve seu papel na reconquista de autoidentificação e de garantias territoriais de seu povo. Em agosto de 1978, o guató-falante de nome **/dʒɔdʒotóga/** (ou Veridiano Caetano) fez

¹ Segundo explicações de Kerexu Mirĩ, cacique da aldeia Takuaty (Ilha da Cotonga, Paranaguá-PR).

parte da comitiva que tratou com o então presidente da Funai sobre a demarcação de um território para o povo (Palácio, 1984b). /d͡ʒɔd͡ʒotóga/ e sua desenvoltura na idioma foram prova da existência do povo guató.

Após anos de reivindicação territorial, os Guató retomaram parte de seu território ancestral e, atualmente, habitam duas terras indígenas (TIs), na porção setentrional do Pantanal (veja o Mapa 1 abaixo). No Rio Paraguai está situada a TI Guató, que faz parte do município de Corumbá (MS), na divisa com Mato Grosso e com a Bolívia. No alto curso do Rio São Lourenço, no município de Barão de Melgaço (MT), localiza-se a TI Baía dos Guató. Esta TI foi homologada em 2018, no governo Temer. Porém, em dezembro do mesmo ano, o ato foi suspenso através da tese do Marco Temporal, segundo a qual o direito à posse de uma TI só seria garantido aos povos que ocupassem o território no momento da proclamação da Constituição atual, em 1988.



Mapa 1: Localização das TI Guató e TI Baía dos Guató.

Neste artigo, discutiremos as ações do povo guató para reaver sua idioma e nossa contribuição para o entendimento e divulgação dela. Colocaremos essas ações em diálogo com conceitos do planejamento linguístico. Deve-se notar que, embora tivéssemos formação em linguística documental, até há pouco tempo não conhecíamos o campo do planejamento linguístico. Como resultado, nossas contribuições não foram orientadas com um norte conceitual e organizacional bem-informado quanto ao campo do planejamento linguístico para revitalização. O presente artigo é uma

reflexão retroativa sobre nossos esforços de revitalização à luz dos conceitos do planejamento linguístico.

2. REVITALIZAÇÃO E PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO

A revitalização linguística abrange a proteção e a retomada de línguas em perigo. Logo, trata das formas de animar o uso de línguas cada vez menos usadas, ou totalmente abandonadas. Seu objetivo não é apenas uma questão de sustentabilidade da diversidade sociolinguística, mas também uma questão de justiça, cura e empoderamento das comunidades de fala (Amaral, 2020; Hinton et al., 2018).

Uma das formas de pensar a revitalização é com os conceitos do planejamento linguístico (Amaral, 2020), definido em termos amplos como as decisões que afetam a forma e o uso de uma língua (Sallabank, 2012). Entendido como a gestão social das atividades comunicativas, o planejamento linguístico é tão antigo quanto a própria faculdade da linguagem, visto que os coletivos de falantes sempre fizeram escolhas e avaliações sobre o que e como deve ser dito (Wright, 2004). As escolhas linguísticas atuam nas estruturas sociais de diferentes escalas, desde questões individuais, familiares e locais, sendo um dos aspectos fundamentais no arranjo das relações étnicas.

O planejamento é ligado também às questões chamadas de políticas públicas de instituições de âmbito nacional, até processos internacionais e globais. No nível estatal, o planejamento de *status* de uma língua pode se referir ao processo legal de fazer desta uma língua oficial. Pode ainda se referir aos processos ordenados de destruição linguística que o estado apoiou. Como o campo de “planejamento e políticas linguísticas”³ foi inicialmente pensado como próprio da ação do Estado-Nação, em especial no caso de nações “novas” ou “em desenvolvimento”, foi proposto um termo mais específico, *o planejamento linguístico de base comunitária*⁴. Este tipo de planejamento é uma gestão linguística por comunidades locais e não ações definidas por superestruturas como governos e aparelhos estatais. O planejamento linguístico comunitário é concebido e administrado pelos membros da comunidade (McCarty, 2018; Amaral, 2020).

A ideia de “comunidade” não é óbvia e sem problemas conceituais (Sallabank, 2012). Uma língua é sustentada não por uma comunidade monolítica, mas por coletivos diversos em suas estruturas e ideologias. Assim, gestão comunitária de uma língua pode apresentar diferentes perspectivas, nem sempre coesas (Baldwin, 2003). No caso guató, por exemplo, temos duas Tis, que por sua vez apresentam diferentes locais de assentamento – microcomunidades -, além dos Guató que vivem ou

³ Language planning and policy.

⁴ Community-based language planning.

transitam nas cidades, espalhados por diferentes bairros. Nestes diferentes contextos e para diferentes pessoas, os esforços da revitalização têm impactos e influências diversos.

A ideia central do planejamento de base comunitária é começar por ações na assim chamada pequena escala, que não é outra coisa senão a escala mais humana e natural da interação local. As ações locais têm as vantagens de gerarem mais engajamento dos diretamente envolvidos, utilizarem os recursos imediatamente disponíveis e poderem ser mais facilmente avaliadas. Esta escala é também a principal engrenagem que permite a retenção e a transmissão de determinada língua (Fishman, 2013).

O planejamento linguístico apresenta três “divisões amplas” (Cooper, 1989) ou “três tipos básicos de atividades” de planejamento (McCarty, 2018, p. 23), que são o planejamento de *status*, o planejamento de *corpus* e o planejamento de aquisição. O planejamento de *status* se refere ao propósito e o espaço ocupado por determinada língua. Trata da função social da língua e seus domínios de uso: em contextos rituais, no seio familiar, como uma língua franca, ou a língua de classes privilegiadas, entre outras possibilidades. O *status* envolve também as questões de prestígio de determinada língua ou de suas variedades. Já a perspectiva de *corpus* abrange as decisões sobre as formas linguísticas que devem ser transmitidas, as normas de interação legítimas e o acordo ortográfico aceito. Por fim, provavelmente o mais importante é o planejamento de aquisição. Trata do momento da transmissão linguística, como a língua é apreendida por determinado grupo, com ela é veiculada entre agentes da transmissão (pais, família, patrícios, coaldeões, professores etc.), em quais contextos e através de quais atividades.

Esta divisão não se refere a momentos separados do planejamento, pois as três atividades estão necessariamente interconectadas e afetam-se mutuamente. Na Tabela 1 a seguir, resumimos as perguntas e as tarefas relativas a cada uma das atividades, com base em Amaral (2020) e RAPPLIM (2021b).

Perguntas	Tarefas
Planejamento de <i>status</i>	
Aprender a língua para quê? Como, onde e quando a língua será usada?	Entender os contextos perdidos e os contextos potenciais de uso da língua alvo. Pensar nos espaços-momentos e funções que a língua terá ao ser revitalizada.
Planejamento de <i>corpus</i>	

Quais estruturas linguísticas e vocabulário serão usados no processo de transmissão? Qual o objetivo do <i>corpus</i> organizado?	Levantar materiais já existentes da língua, caso esta já tenha sido documentada. Descrever e organizar o material levantado. Documentar a língua. Preparar o vocabulário da transmissão. Descrever as estruturas linguísticas e preparar gramáticas acessíveis. Organizar uma ortografia. Preparar materiais de apoio.
Planejamento da aquisição	
Quem vai aprender? Quais habilidades linguísticas serão desenvolvidas? Como serão transmitidas? Quem serão os transmissores? Qual a formação necessária para os transmissores? Quais materiais necessários para facilitar a transmissão?	Descrever <i>como</i> , <i>por</i> quem e <i>para</i> quem a língua será transmitida. Verificar recursos humanos e materiais, analisar a execução e sustentação das atividades. Preparar recursos humanos, formar os transmissores da língua. Criar plano para <i>reintroduzir</i> a língua na comunidade, <i>facilitar</i> sua aquisição. Organizar ações concretas a curto e médio prazos, estruturadas com perspectivas de longo prazo. Desenvolver métodos eficazes de avaliação da transmissão.

Tabela 1: Descrição das atividades do planejamento linguístico

Agora vamos examinar mais detalhadamente cada uma dessas três atividades e discutir como elas se aplicam ao caso guató.

3. STATUS

3.1 O QUE É PLANEJAMENTO DE *STATUS*?

O *status* da língua é o que motiva o seu uso e transmissão. Pensar o *status* significa levar em consideração que a língua não é pura forma pela forma, estrutura sem função. A questão do *status* (de quando e para quê a língua será usada) envolve problemas do *corpus* e adaptação da língua a novos contextos de enunciação. Uma língua vital expande seu *status* para novos gêneros enunciativos, ampliando assim seus *corpora* e motivando sua aquisição.

Quando uma língua é atacada pela colonização, ela perde seus *status*. Sua função e seus contextos de uso são desqualificados. A língua é escondida ou violentamente proibida de habitar o espaço público.

Para reverter o processo de obsolescência e perda linguísticas, o *status* da língua deve ser reconstruído. As gerações mais velhas, que detêm o conhecimento da língua, devem ser estimuladas a usar a língua na interação com as gerações mais novas. A escola é um ambiente que articula o *status*, visto que o ensino escolar da língua, além de ser momento de aquisição, é também um momento para seu uso. Além do ensino *da* língua, o ensino *na língua* amplifica mais ainda sua função, visto que ela passa de objeto de instrução para meio de aprendizado. O uso na mídia, em placas e outros ambientes públicos também contribui para resgatar o *status* da língua (RAPPLIM, 2021b; Fishman, 2013).

Os novos contextos de uso da língua podem ser em áreas de conhecimento valorizadas, como ciências. Por exemplo, após a organização de material sobre insetos aquáticos, os alunos do povo *pamoari* (vulgarmente chamado de paumari) em contexto urbano conseguiram conquistar um prestígio para sua língua, antes desclassificada e falada de forma escondida (RAPPLIM, 2021a).

Outro exemplo interessante é o de um jovem do povo *magüta* (vulgo tikuna) que passou a valorizar a língua de seu povo quando ouviu grupos de *reggaeton* cantando em tikuna na Colômbia. Depois, ele decidiu que montaria uma banda semelhante do lado brasileiro (RAPPLIM, 2021a). Estes exemplos ilustram a adaptação da língua a contextos que contribuem para manter e aumentar sua funcionalidade e prestígio, sobretudo, entre os jovens.

O resgate de práticas culturais é outro campo de influência no *status* de determinada língua. Este resgate pode interagir com novas mídias. É o caso do jogo digital *Yube baitana* 'Os caminhos da jiboia', feito com o povo *huni kuin* (dito caxinauá)⁵. O game baseou-se nas narrativas tradicionais do povo e pode ser jogado na língua indígena.

Em quais domínios, onde e quando, para quê a língua alvo será usada? Em quais contextos reintroduzir a língua? Quais as mídias relevantes para a comunidade, através dos quais a língua pode circular? Estas são algumas perguntas que dizem respeito ao *status*.

Em seguida, discutiremos o planejamento de *status* do guató. Veremos que ambas as comunidades do povo guató agiram para reaver a língua falada pelos ancestrais, contribuindo com um novo vigor ao prestígio e, logo, ao *status* da idioma.

3.2 O LUGAR DA IDIOMA

Para além do corpo de um último interlocutor (ou do penúltimo falante), a passagem de uma língua da vitalidade à morte não é discreta. É um caminho gradual de ataque ao seu *status*, sobretudo, à sua função pública.

⁵ Disponível em <http://www.gamehunikuin.com.br/>.

O guató foi progressivamente acossado em prol da língua colonial, que tomou conta da paisagem regional. Porém, a língua indígena ganhou uma nova importância como insígnia da reconstrução do povo guató. Seu prestígio, antes ameaçado, agora apresenta uma segurança, inicialmente impulsionada pela comunidade da TI Guató. Atualmente, o *status* do guató é garantido também no ensino escolar da TI Baía dos Guató. Os dois grupos reivindicam e apoiam a preservação e ampliação do uso da língua indígena.

O início de nossas pesquisas com o guató deriva de escolhas do próprio povo, que se interessou em reaprender a falar a língua dos ancestrais, acreditando que ela esteja diretamente articulada com suas reivindicações por direitos territoriais e escolares. Portanto, a nossa chegada como contribuidores da revitalização e, depois, como pesquisadores do guató é um reflexo do *status* que o povo planejou para sua idioma.

Apesar dos inúmeros contratempos que levaram à obsolescência de suas comunidades de fala, a língua guató nunca foi totalmente abandonada. Na TI Guató, há uma continuidade entre os últimos falantes fluentes que habitaram o lugar, os falantes de herança que ainda lá habitam e a transmissão atual da idioma na escola local.

Esta TI é um território de ocupação tradicional guató, onde uma comunidade de falantes fluentes entrou em obsolescência nos anos 1970. A comunidade era composta, em sua maioria, por mulheres guató casadas com falantes de português. Os homens que não dominavam o guató tiveram um papel crucial na perda da língua, pois proibiam que as mães a passassem aos filhos (Balykova & Godoy, 2020). Mesmo assim, as mulheres adultas continuavam a se comunicar em guató e, inclusive, ensinavam palavras e frases a seus filhos, à revelia dos esposos.

Nos anos 1970, a pressão de fazendeiros e da polícia florestal forçou as famílias a abandonarem a ilha Ínsua e se dispersarem. Muitos migraram para a cidade de Corumbá, e algumas falantes do guató se relacionavam continuamente no meio urbano. Entretanto, passaram a se comunicar apenas em português.

Nos anos 1980, os Guató começaram a reivindicar a demarcação de uma parte da ilha Ínsua. Durante a década seguinte, muitos Guató, inclusive falantes da língua indígena, se mudaram para a nova TI, cuja demarcação terminou em 2004.

O último falante fluído do guató que residiu na TI foi o já citado /d̥ʒɔd̥ʒotóga/, falecido em 2011. Ele contribuiu com seu conhecimento para criar os conteúdos das aulas de Língua Étnica, nas quais o guató é ensinado como segunda língua.

Hoje em dia, alguns idosos moradores da TI Guató conservam memória sobre a língua que foi falada por suas mães. Estes idosos podem ser considerados “falantes de herança” (*heritage speakers*) com diferentes competências. A maioria deles não chegou a dominar o guató com fluência,

tendo aprendido apenas palavras e algumas frases. O único morador que foi falante fluente é /**movúfe**/ (ou Valeriano Caitano da Silva).

Um interlocutor dos mais simpáticos e sempre disposto a uma boa e divertida conversa, /**movúfe**/ recusa-se a participar de sessões de elicitación, explicando que tem receio de errar, pois não conversa em guató desde a adolescência. Como já foi um falante, sua consciência sobre o “erro” parece demonstrar sua valorização das estruturas tradicionais da idioma e a autoconsciência de seu atrito linguístico.

A competência de / **movúfe** / no guató é reconhecida publicamente. Ele foi nos indicado como possível consultor nos primeiros dias de campo em Corumbá. Além disso, / **movúfe** / é um colaborador ativo dos professores da TI Guató. Por exemplo, já ensinou algumas dezenas de palavras e frases a um jovem morador da TI Guató, Heraldo Felipe Vasques Mendes, na época em que este era professor de Língua Étnica. É, hoje, consultado pela professora Francisca Vasques Mendes.

Outro falante de herança da TI Guató, é /**motábu**/ (ou Alfredo de Assunção Silva). Ao contrário de /**movúfe**/, /**motábu**/ nunca foi um falante fluente, mas está sempre disposto a participar de entrevistas e elicitaciones. Ele é filho da finada Zulmira, falante nata de guató, que foi casada com um não-guató. Seu esposo vetava o uso da idioma em casa. Apesar dessa interdição, /**motábu**/ e seus irmãos se interessaram em aprender a idioma com a mãe. Por isso, /**motábu**/ conhece uma boa quantidade de palavras (sua competência na língua guató é analisada em Balykova & Godoy, no prelo). Com a morte do falante fluente /**dʒɔdʒotóga**/, /**movúfe**/ e /**motábu**/ tomaram o *status* de informantes privilegiados na TI Guató, com quem os professores da disciplina Língua Étnica trabalham.

Um dos ex-moradores da TI Guató, que não identificaremos, pode ser caracterizado como um “falante fantasma” (*ghost speaker*) (Grinevald & Bert, 2011), isto é, um falante que nega ter competência na idioma, embora muitas pessoas afirmem que ele saiba algo dela. O falante-fantasma, inclusive, mostra profundo ressentimento sobre a temática da língua guató.

Apesar das intempéries do *status* da idioma no âmbito familiar dos falantes de herança, as palavras guató surgem em momentos de resgate. Escutamos *magaho* ‘viola’ em um canto do violeiro-de-cocho, Robertinho. O cachorro da professora Francisca foi batizado de *ope-ru* (amigo-1SINGULAR) ‘meu amigo’. O nome da própria escola contém o nome guató de um finado falante, *Escola Estadual Indígena João Quirino de Carvalho – Toghopanãa*, em que a última palavra se deriva de *tobu-pana* (ser.curto-rabo) ‘rabo curto’. A idioma também aparece na decoração das embarcações da comunidade, na lancha e na voadeira. Antes de ser reformada, a lancha da comunidade tinha as indicações de banheiro masculino e feminino em guató. Para além destes exemplos, nas interações diárias, a idioma não tem uma função imediatamente apreensível, sendo necessária ainda a

realização de esforços que permitam que a idioma volte a ser utilizado em alguns espaços e atividades funcionais para os Guató.

Outros exemplos indicam mais claramente uma função da língua guató como diacrítico de identidade. Quando estávamos viajando em 2018 na lancha Guató I, o menino Davi (então com 10 anos) nos apresentou as frases guató que sabia, com orgulho. Kleiton, um jovem, veio trocar frases na língua com Eufrásia Ferreira, de quem falaremos adiante, também mostrando orgulho sobre o que sabia “na nossa idioma”. Outro exemplo relevante é o juramento, feito por ocasião dos jogos indígenas de 1996, com /budú/ (ou Josefina Ferreira) (Figura 1). Todos estes eventos demonstram o enraizamento da importância da idioma na comunidade e o impacto que a escola teve ao transmitir o conhecimento aprendido com os falantes do local.

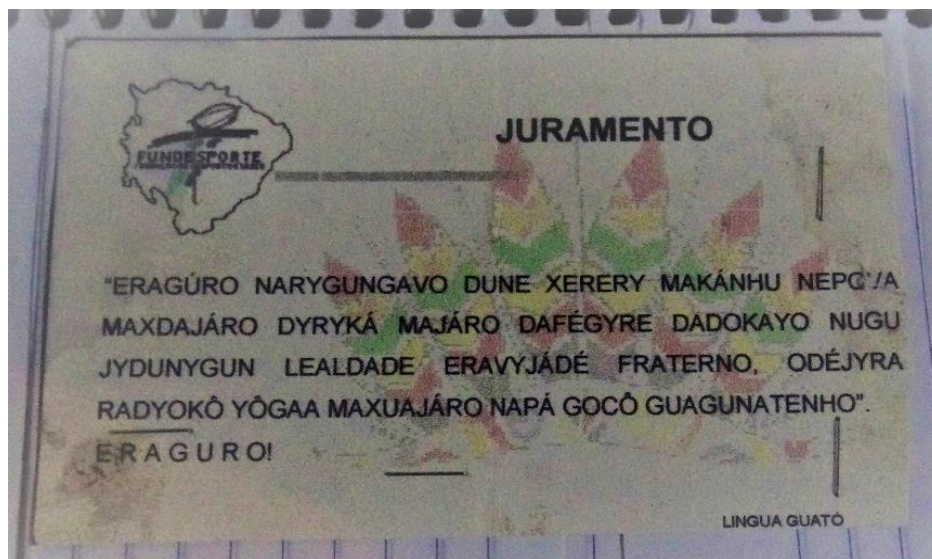


Figura 1: Juramento em guató escrito para os I Jogos Indígenas em 1996, com ajuda de /budú/ (ou Josefina Ferreira).

Se podemos falar em *status* de uma “língua” entendida como uma unidade, no processo de revitalização podemos igualmente falar do *status* de competências e de estruturas. Para a língua ser transmitida, deve haver um interesse em construções específicas, que impulsionam o aprendizado. Assim, os professores da TI Guató enfatizam a necessidade de incrementar o conhecimento sobre “frases”, visto que seus *corpora* foram constituídos primariamente de itens lexicais e sentenças simples. Eles já conhecem e ensinam um vocabulário considerável, mas ainda sentem dificuldade em formar sentenças. Esta, então, deve ser uma área a ser aprofundada na revitalização.

Desta maneira, na TI Guató, o guató está presente como competência dos falantes de herança, como matéria escolar, em alguns pontos da paisagem linguística e como diacrítico de identidade. A

escola funciona como impulsionador do contato com as gerações mais velhas, por exemplo, nas consultas que os professores fazem a /**movúfe**/ e /**motábu**/, e como incentivador da retenção do vocabulário que os falantes de herança (antes, os finados falantes fluentes) dominam.

Na TI Baía dos Guató, a memória da língua indígena é mais remota. Alguns dos moradores mais idosos tiveram contatos com falantes do guató na juventude, mas nenhum desses moradores reteve o conhecimento sobre a língua. A retomada do guató na TI Baía dos Guató está articulada com a reivindicação por uma escola indígena. A escola é importante para o estabelecimento da população no território, pois é um meio institucional para conter o êxodo de pessoas para as cidades vizinhas, como Poconé.

O *status* da língua, assim como na TI Guató, se articula com o processo de reivindicação e defesa do território e da identidade indígena. O planejamento do *status* da idioma na Baía dos Guató foi o que nos fez chegar até lá, através das lideranças da comunidade, que reivindicaram um projeto de revitalização. Só este fato demonstra a importância que a língua tem para a comunidade. Além disso, a participação e atenção das pessoas nas aulas das três breves oficinas de revitalização mostram o interesse da comunidade em resgatar a idioma.

O impacto da revitalização motivou o batismo de uma região da TI Baía dos Guató. Antes chamada de “Fazenda Coqueiro”, agora a região leva o nome de “Aldeia Miji”, derivado de [**mídz̃e**] ~ [**mídz̃i**] ‘acuri’, uma espécie de palmeira muito relevante para o manejo guató. Além disso, a recém-inaugurada escola leva o nome *Mipi*, que significa ‘arco-íris’ na língua.

O *status* é função sociolinguística da idioma: seus usos e contextos de fala, seu prestígio, variedades e estilos. A posição social e o prestígio do guató já se sustentam nos territórios demarcados e nas escolas destas comunidades. Nas duas TIs e, provavelmente, em alguns locais de Corumbá há condições necessárias para incrementar o resgate do guató.

Ainda falta investigarmos a questão do *status* entendido como situações e contextos de usos da idioma, para que, com isto em mente, seja possível planejar o *corpus* e possíveis atividades para retomar a idioma de modo mais cotidiano.

O aspecto mais fundamental para reverter os processos de substituição linguística é o esforço concentrado no trinômio: lar, família e vizinhança. Estes elementos constituem a base que permite a transmissão da língua alvo. A base social deve ser instituída em laços intergeracionais demograficamente concentrados para criar uma comunidade íntima de interações cotidianas que sustente a transmissão. Os esforços nesta escala constituem o centro dinâmico do campo de forças que sustenta a vitalidade linguística. O sucesso destes esforços pode garantir que uma língua seja vigorosamente adquirida e sustentada. Deve-se planejar esforços que incentivem que a idioma seja um meio comunicativo relevante para uma comunidade específica (Fishman 2013).

No caso guató, parece-nos que ainda falta um planejamento para tais esforços. O uso da idioma se concentra em momentos institucionais ou de autorrepresentação. Tais espaços são relevantes, mas não garantem a reversão da perda linguística. O que foi retido do guató, o conhecimento dos falantes guardado na escola, ainda não encontrou uma raiz fora dos espaços onde a idioma aparece de forma mais objetificada.

Passemos aos *corpora* da idioma. Um *corpus* é a matéria linguística que cumprirá um *status* na comunidade.

4. CORPUS

4.1 O QUE É PLANEJAMENTO DE *CORPUS*

Para uma língua poder ser adquirida e transmitida, é necessário estabelecer um vocabulário, um conjunto de estruturas e enunciações – um *corpus*. Planejar o *corpus* é, portanto, coletar, armazenar e gerir os dados primários que abrangem estruturas linguísticas, itens lexicais e gêneros enunciativos disponíveis para o uso. O corpus define a forma reificada da língua alvo e, de certa forma, contribui para construir a imagem pública da língua, seus *status*, ao selecionar o que deve ser registrado.

O planejamento de *corpus* é a área de atuação mais correlacionada com o trabalho dos linguistas no planejamento, pois envolve diretamente a coleta e descrição das estruturas linguísticas e o estabelecimento de um conjunto documental para a produção de dicionários, gramáticas e materiais para transmissão da língua (Sallabank, 2012). O campo de produção e estudos de *corpora* linguísticos é a linguística documental, focada na compilação e preservação de dados linguísticos primários (Himmelmann, 2006; RAPPLIM, 2021c).

Os eventos comunicativos documentados servem como uma “amostra” da língua e de práticas socioculturais associadas. Para garantir a funcionalidade desses materiais, o planejamento linguístico deve integrar o planejamento das sessões de documentação. Por exemplo, o registro de procedimentos, tais como confecção de artesanato e preparo de comida, muitas vezes contemplados pela linguística documental, pode ser transformado mais facilmente em materiais de aprendizado. Por outro lado, se o planejamento do *corpus* não leva em conta a aquisição, os dados documentados podem não ser utilizáveis para a revitalização. Por exemplo, registros que enfatizem práticas rituais restritas ou os usos característicos dos falantes idosos podem não atrair as novas gerações de falantes (Sallabank, 2012).

Por isso, é preciso documentar estruturas cotidianas e fáceis de serem adquiridas. As estruturas “exóticas” do ponto de vista tipológico podem ser interessantes para a pesquisa acadêmica, mas não

são necessariamente fundamentais para os materiais de aquisição, pois estes devem facilitar a aquisição e privilegiar os domínios comunicativos relevantes para a comunidade.

A ideia de o *corpus* ser “representativo” de uma língua não é algo óbvio. Idealmente, a pesquisa linguística deveria descrever um amplo espectro da variação interna da língua. Ao passar para o contexto de aquisição, entretanto, há uma escolha a ser feita: uma variante que será tida como modelo no ensino (Sallabank, 2012). Desta forma, o planejamento de *corpus* pode envolver disputas em relação a ideologias de legitimidade.

Além disso, no caso de línguas em estado avançado de obsolescência, as formas linguísticas existentes podem não ser suficientes para dar conta dos contextos e objetivos atuais da comunidade. Em tais casos, pode ser necessário alimentar o *corpus* com materiais coletados em épocas anteriores, como listas de palavras anotadas por viajantes. Em seguida, discutiremos as atividades que contribuíram e contribuem para formar o *corpus* da língua guató.

4.2 ENCORPANDO A IDIOMA

4.2.1 DADOS PREEXISTENTES: REGISTROS ANTIGOS

A primeira lista de palavras e frases em guató que conhecemos é a do naturalista austríaco Johann Natterer, um manuscrito datado de 1826 e localizado na biblioteca da Basileia, Suíça (Silva, 2013). Esta lista ainda não foi analisada em detalhes. No mesmo século, o conde de Castelnau publicou uma lista lexical do guató, com 164 itens (Castelnau, 1851). No início do século XX, o antropólogo Max Schmidt ampliou os registros escritos da língua, tendo publicado listas de palavras e frases em guató (Schmidt, 1905, 1914, 1942a, 1942b). Além disso, a primeira descrição da fonética e morfologia guató é também da sua autoria (Schmidt, 1905). Após Schmidt, mais duas listas de palavras e frases guató foram anotadas, por Rondon (1938) e por Wilson (1959).

A maioria dessas obras foram escritas em línguas estrangeiras, como espanhol, francês e alemão. Algumas foram traduzidas para o português, mas os exemplares físicos das traduções são raros ou apenas suas cópias digitalizadas são disponíveis na Internet. Por estas razões, os Guató praticamente não tiveram contato com os registros mencionados. Alguns Guató já leram o livro de Schmidt (1905) através da sua tradução para o português (Schmidt, 1942c), mas não tiveram acesso aos demais trabalhos.

Mesmo que todas essas obras estejam à disposição da comunidade guató, outro problema é o acesso às ortografias utilizadas por cada estudioso. As escolhas ortográficas são particularmente opacas e divergentes quando se trata de sons ausentes ou raros nas línguas europeias que os autores dominavam. Tomemos como o exemplo a vogal alta posterior não arredondada [u], presente em *maku* ‘capivara’ e sua variante nasal [ũ], presente em *magũ* ‘água’. Como vemos na Tabela 2

abaixo, as representações desses sons divergem tanto de um autor para outro quanto da variante oral para a nasal.

palavra	Natterer	Castelnau	Schmidt	Rondon	Wilson
guató	(1826)	(1851)	(1905)	(1938)	(1959)
<i>makw</i> 'capivara'	-	<i>makeueu</i>	<i>mak(i)r</i>	<i>maquê</i>	-
<i>magũ</i> 'água'	<i>magn un</i>	<i>maguen</i>	<i>mágũ</i>	<i>magã</i>	<i>mã'gə</i>

Tabela 2: Divergências na representação das vogais [u] e [ũ] do guató em fontes históricas.

Outro desafio que estas obras colocam são as traduções feitas pelos autores. Um exemplo disso é a expressão *Mahúngore-bohó*, utilizada por um Guató para se referir ao local de seu nascimento e interpretada por Rondon (1938, p. 260) como 'nossa aldeia'. Na transcrição moderna, essa expressão ficaria *mahĩgurru (gorá)bohó*, o que significa 'lá longe, no aterro' e não 'nossa aldeia'. Dessa maneira, as antigas listas de palavras e frases em guató ilustram a necessidade de analisar e retranscrever os documentos históricos para a revitalização (Austin, 2017).

4.2.2 DADOS PREEXISTENTES: DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA

A tese de Palácio (1984a) foi a primeira descrição geral do guató. Como apêndice à tese, há um pequeno léxico. O trabalho inclui também três pequenos fragmentos de discursos. As análises linguísticas, nem sempre satisfatórias, oferecidas pela autora se concentram em sua curta tese. Após este trabalho, Palácio não produziu mais nenhum dado novo e nenhuma reanálise. Assim, os artigos publicados após 1984 (Palácio, 1986, 1991, 1996, 2000 e 2004) basicamente reproduzem os conteúdos já expostos na sua tese.

Infelizmente, o trabalho de descrição linguística de Palácio não estava articulado com a documentação. A comunidade guató nunca teve acesso aos primeiros registros sonoros da língua indígena, feitos por Palácio entre 1977 e 1984.

Quando começamos nossas atividades com o guató em 2016, a finada Adair Palácio encontrava-se muito doente, impossibilitada de contato. Em vão, tentamos achar notícias sobre suas fitas. Entramos em contato com professoras da UFPE, onde Palácio trabalhou, e da Unicamp, onde Palácio estudou. Entretanto, suas fitas parecem ter desaparecido sem deixar rastro.

Por sorte, parte do acervo de Palácio pôde ser recuperado, graças ao cineasta Joel Pizzini, diretor do filme *500 almas* (2004), um documentário que trata da reconstrução da etnia guató. Por ocasião da produção de seu filme, Pizzini digitalizou parcialmente o acervo linguístico de Palácio. Ele nos passou as cópias, que totalizam 2 horas e 24 minutos. Alguns desses áudios, que registram a fala dos finados João Quirino e Francolina Rondon, já foram traduzidos e transcritos com a ajuda de nosso consultor /dʒogwápɔ/ (ou Vicente da Silva). Não sabemos qual porcentagem das gravações originais constituem as cópias, mas os dados apresentados na tese (Palácio, 1984a) sugerem que se trata apenas de uma pequena parte do acervo original.

Após o trabalho de Palácio, o interesse da linguística brasileira pelo guató entrou em obsolescência. Apenas em 2009, foi publicada a dissertação de mestrado de Adriana Postigo, trazendo novos dados da língua. Postigo (2009) trata da fonologia guató, rerepresentando o inventário fonêmico e tonêmico e comentando a estrutura silábica e os processos fonológicos. Não altera substancialmente a análise de Palácio. Entre as contribuições do trabalho, estão a reprodução de listas lexicais de difícil acesso (em particular, Wilson, 1959) e o registro de palavras não atestadas nos trabalhos anteriores.

Postigo compartilhou conosco as mais de 31 horas de gravações que fez. Infelizmente, os áudios têm baixa qualidade, em virtude do equipamento utilizado pela autora. Durante o seu mestrado, Adriana Postigo entregou CDs com arquivos de áudio para a comunidade da TI Guató, mas não sabemos se eles foram utilizados para fins de ensino.

Uma parte muito interessante do acervo de Postigo são as gravações das músicas cantadas pelos finados /dʒɔdʒotóga/ e Francolina Rondon, mais conhecida como Dona Negrinha. Quando perguntamos sobre o significado dos cantos para nossos consultores mais fluentes, /dʒariguka/ (ou Eufrásia Ferreira) e /dʒogwápɔ/, eles não conseguiram fornecer traduções. Isto parece demonstrar que os cantos não foram transmitidos pela geração de Francolina à dos nossos consultores e que as letras pertencem a um registro linguístico não dominado por eles.

4.2.3 A PESQUISA DE <MATÔDJÁRHO>, LIDERANÇA POLÍTICA E ATIVISTA GUATÓ

Embora não tenha sangue guató, <Matôdjárho> (ou Dalva Maria de Souza Ferreira) é uma grande ativista da língua indígena e da manutenção de sua memória na TI Guató. É casada como o guató Severo Ferreira, e os dois assumiram a liderança na luta pela demarcação da TI Guató a partir dos anos 1980.

Ainda em Corumbá, eles abrigaram em sua casa o falante nato do guató <Toghopanãa> (ou João Quirino), que batizou Dalva com o nome guató <Matôdjárho> ‘flor do mato’. Durante a convivência com <Toghopanãa>, ela se interessou pela idioma. Com caderno em punho, começou

a anotar palavras e frases em guató, consultando os diferentes falantes com os quais conviveu. Seus principais informantes, a quem chama de “minhas inspirações”, foram os finados <Toghopanã> e /dʒɔdʒotóga/.

Ao longo dos anos, <Matôdjárho> coletou centenas de palavras e frases em guató, que até hoje servem de base para as aulas de Língua Étnica da TI Guató. Em julho de 2017, <Matôdjárho> nos confessou que seu desejo era editar um dicionário e uma cartilha com o material reunido. Ciente da importância política e cultural da língua indígena, ela disse na ocasião:

Para mim, o mais importante é ser reconhecido não só através dos trabalhos, mas através do idioma, que isso não venha morrer. Porque os velhos vão acabando, e as crianças têm que levantar sabendo, crescer aprendendo a falar o idioma. Já não vão falar mais igual os nossos antepassados falavam, mas vão falar.⁷

<Matôdjárho> elaborou uma ortografia própria para o guató, usada nas aulas de Língua Étnica. Atualmente, alguns professores fazem escolhas ortográficas distintas, provocando debates sobre a necessidade de unificar a escrita guató dentro da escola.

As escolhas ortográficas feitas por <Matôdjárho> merecem um estudo detalhado, que não foi feito ainda. Por enquanto, constatamos que, na sua ortografia, a vogal [u] é representada por uma variedade de grafemas, como <ôo>, <o>, <y> e <yr>, conforme mostra a Tabela 3 abaixo.

Significado da palavra	Palavra guató na transcrição fonética	Palavra guató na ortografia de <Matôdjárho>
‘água’	[mágũ]	<manum> ~ <many>
‘capivara’	[màkw]	<makôo>
‘casa’	[mónwù]	<movô> ~ <movyr>
‘cervo’	[mítʰw]	<mytô>

Tabela 3: Representações da vogal [u] na ortografia de <Matôdjárho>.

⁷ Nossa entrevista com <Matôdjárho> está disponível em <http://nupeli-gela.weebly.com/guatoacute.html>.

Além de anotar centenas de palavras e frases em guató, <Matôdjárho> também contribuiu com extensas listas de numerais guató, criados por ela a partir de numerais registrados em trabalhos anteriores, como Postigo (1984a).

4.2.4 PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA GUATÓ (2002)

No Mato Grosso do Sul, a Secretária de Estado de Educação lançou duas publicações utilizadas em aulas de Língua Étnica da TI Guató: *Pequeno dicionário da língua Guató* (2002) e a cartilha *Guató: gôcô aréro tyto vogun ogecom. Etnomatemática* (2010). Ambas as brochuras são baseadas no material coletado por <Matôdjárho>.

O dicionário é utilizado atualmente nas escolas de ambas as TIs. Ele contém 170 entradas, uma parte das quais são frases simples, como *Kira gofun* ‘Vamos tomar banho!’ e *Tuky gôtháa* ‘Me dá fogo!’. A publicação não contou com a consultoria de linguistas, o que se torna particularmente notável quando examinamos as frases incluídas. O dicionário não apresenta paradigmas condizentes com as variantes mais fluentes do guató, já descritas e documentadas. Por exemplo, o verbo *Nákaryo* é traduzido como ‘eu quero’, o que está de acordo com a presença do sufixo *-yo*, marcador da 1ª pessoa singular. No entanto, essa mesma forma verbal é usada, logo em seguida, em frases supostamente na 3ª pessoa singular, como *Nákaryo garaxe*, traduzido por ‘Quer ser meu cunhado’.

Outro exemplo que não corresponde às variantes fluentes do guató é a entrada *Mukôdá de maquêjê*, traduzida por ‘chicha de bocaiúva’. Logo notamos a inserção da preposição “de” para indicar a relação genitiva entre os dois nomes. No guató de falantes fluentes, essa relação seria indicada pelo prefixo *i-*, que substitui o prefixo *m(a)-*, no nome possuído *mukôdá* ‘chicha’.

Na época em que o dicionário foi compilado, as construções em questão já haviam sido descritas por Palácio (1984a). Porém, este trabalho, assim como a maioria de publicações científicas, permaneceu opaco para a comunidade guató. Em grande parte, isso se deve ao uso de terminologia técnica e de um alfabeto fonético, não conhecidos por pessoas sem formação em linguística.

4.2.5 ACERVO DO PROJETO DE DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA

A transmissão do guató em contexto familiar foi interrompida por volta dos anos 1960, gerando o presente estado da idioma, em que há dois falantes mais competentes e poucos falantes de herança, com diferentes perspectivas sobre sua capacidade e graus variáveis de acesso à memória da língua. A última microcomunidade “natural” da fala guató foi composta por /tʃíritu/ (ou Júlia Caetano) e seu filho /dʒogwápɔ/ (ou Vicente da Silva). A prosa deles se exauriu em 2012, quando /tʃíritu/ faleceu.

Hoje em dia, /dʒogwápɔ/, que tem por volta de 75 anos, atua como consultor da nossa pesquisa de documentação e descrição do guató. Nossa outra consultora era a finada /dʒariguka/ (ou Eufrásia Ferreira), que faleceu há poucos meses.

/d̥ʒogwápɔ/ mora relativamente perto da TI Guató: são duas horas de viagem de barco voadeira. De tempos em tempos, algum morador da TI Guató passa na casa de **/d̥ʒogwápɔ/** para lhe entregar suas cestas básicas e convidar para uma visita à TI. **/d̥ʒogwápɔ/** concorda em passar um dia por lá, mas, até hoje, não visitou a comunidade.

A finada **/d̥ʒariguka/** está sepultada na cidade de Corumbá, onde morava antes de falecer. Durante a juventude, morou alguns anos na ilha Ínsua, futura TI Guató, onde subsistia uma comunidade da idioma, composta por mulheres. Posteriormente, **/d̥ʒariguka/** acabou se afastando dos parentes. Infelizmente, Eufrásia faleceu no dia 05 de setembro de 2021, após algumas semanas com infecções no intestino. Com ela, o guató perde boa parte de seu acervo vivo. Nós perdemos nossa principal professora, que pacientemente nos ensinava o que sabia do guató.

Em 2018, organizamos uma viagem dela à TI Guató, onde passamos cinco dias. Lá, **/d̥ʒariguka/** reviu seus primos. Nessa mesma ocasião, levamos **/d̥ʒariguka/** para a casa de **/d̥ʒogwápɔ/**, na esperança de escutar uma conversa em guató. Foi um encontro agradável, mas os dois preferiram conversar em português. Tentamos promover mais encontros entre eles, quando **/d̥ʒogwápɔ/** estava em Corumbá, mas ambos se recusaram, explicando que não se conheciam bem e não tinham sobre o que conversar.

Recentemente, o irmão de **/d̥ʒogwápɔ/**, **/d̥ʒógetó/** (ou André Oliveira), reapareceu na cidade de Corumbá, depois de ter morado durante décadas na região de Poconé. A situação de **/d̥ʒógetó/** é similar à de **/d̥ʒariguka/**. Ambos nasceram e foram criados em contato com a idioma até a mocidade. Entretanto, nas últimas décadas, suas comunidades de fala eram apenas em português. Por isso, supomos que o atrito linguístico sofrido por **/d̥ʒariguka/** e **/d̥ʒógetó/** é maior do que no caso de **/d̥ʒogwápɔ/**, que até data relativamente recente conversava em guató com sua finada mãe. Além dos irmãos **/d̥ʒogwápɔ/** e **/d̥ʒógetó/**, o guató conta atualmente com falantes de herança na TI Guató, como já mencionamos.

A partir de 2016, uma equipe da UFRJ que inclui os autores deste artigo se envolveu com a documentação da língua guató. Entre outubro de 2016 e abril de 2020, realizamos sete trabalhos de campo a fim de coletar material linguístico. As primeiros quatro viagens foram financiadas pelo CNPq, dentro do projeto “Línguas Indígenas Ameaçadas: Pesquisa e Teorias Linguísticas para a Revitalização”⁸. As últimas duas, realizadas em 2019 e 2020, foram financiadas e apoiadas pelo Museu do Índio, através do Prodoclin (Projeto de Documentação de Línguas Indígenas).

Desde o começo de nosso trabalho em 2016, pensamos a documentação como um meio para gerar *corpus* utilizável na revitalização, mesmo que, à época, ainda não tivéssemos consciência das

⁸ Para mais informações, visite <http://nupeli-gela.weebly.com/revitalizaccedilatildeo.html>.

questões relativas ao planejamento linguístico. A própria ideia de buscar os falantes fluentes e documentar seu conhecimento surgiu em resposta à demanda dos moradores da TI Baía dos Guató, que queriam reaver a língua falada pelos ancestrais.

A primeira preocupação que nos guiou foi gravar em áudio as palavras que só estavam registradas na forma escrita nas fontes anteriores. Portanto, as eliciações realizadas entre 2016 e 2018 com os nossos consultores /d̥ʒariguka/ e /d̥ʒogwápɔ/ tinham como o objetivo a coleta de dados atestados nos trabalhos anteriores e a descoberta de palavras que ainda não haviam sido documentadas. Além da documentação sonora do léxico atestado, buscamos sempre eliciar os itens lexicais em sentenças para entender o comportamento morfossintático do guató. Isto pode parecer óbvio, entretanto, os trabalhos de linguística anteriores não apresentavam sentenças completas, reproduzindo somente fragmentos de sintagmas ou até mesmo de palavras.

Algumas eliciações foram pautadas em nossos interesses de pesquisa e, posteriormente, resultaram em trabalhos acadêmicos. Esses incluem os estudos sobre o sistema numérico (Alves, 2017), sobre a distinção entre os nomes massivos e contáveis (Godoy & Alves, 2020), sobre os verbos com semântica adjetival (Balykova, 2019), sobre a distinção morfossintática entre nomes e verbos (Balykova, 2021) e uma descrição geral da gramática do guató (Palácio et al., no prelo).

Até agora, reunimos mais de 110 horas de gravações em áudio e vídeo. Elas consistem, sobretudo, em dados elicitados, mas incluem também narrativas tradicionais e relatos pessoais dos consultores, assim como várias entrevistas etnográficas. Temos um total de 81 horas de áudios gravados com /d̥ʒariguka/ e /d̥ʒogwápɔ/, os falantes mais proficientes. Dessas 81 horas, transcrevemos 47 horas até o momento.

Passamos a maior parte dos arquivos que registram a língua guató para o ex-cacique da TI Guató, Luiz Carlos de Souza Alvarenga, a coordenação e os professores da escola local, por meio de *pendrives*. Em 2021, a internet chegou até a aldeia, o que nos permite estar em contato direto com a professora de Língua Étnica, Francisca Vasques Mendes. Ocasionalmente, ela solicita a nós áudios de palavras específicas para utilizá-las em sala de aula.

Além disso, estamos organizando uma coleção da língua guató no *Archive of the Indigenous Languages of Latin America* (AILLA)⁹, que poderá ser consultada pelos Guató. Infelizmente, a interface atual do AILLA não é a ideal para o uso da comunidade guató, pois possui versões apenas em inglês e em espanhol.

No âmbito do projeto Prodoclin (2019-2020), produzimos um dicionário multimídia da língua guató. O dicionário conta com 600 entradas, todas com frases simples que exemplificam o uso dos itens

⁹ Disponível em <https://ailla.utexas.org/islandora/object/ailla%3A275792>.

lexicais. Tanto as entradas como os exemplos de uso são também apresentados em áudio. Essas características do dicionário trazem um avanço em termos de *corpus* e em termos de acessibilidade dos dados às comunidades guató.

O dicionário está disponível online¹⁰ (veja a Figura 2) e na forma de aplicativo. Estes produtos, assim como a versão do dicionário em PDF, já foram repassados para as lideranças das duas TIs do povo guató. O dicionário online integra a plataforma Japiim, em desenvolvimento, projetada por Helder Perri. Esta plataforma permitirá a edição do dicionário online, sendo possível, no futuro, os Guató inserirem ou corrigirem dados.



Figura 2: A entrada “*modada*” no dicionário multimídia guató – português

Estes são alguns aspectos dos dados guató levantados até o momento. Esses *corpora* devem ser adquiridos através de atividades de transmissão, para que surjam novos falantes. Todos estes materiais podem servir de meio de consulta e pesquisa para a constituição de um *corpus* de aquisição. O fato de o dicionário guató da plataforma Japiim conter exemplos com áudios facilmente acessíveis é uma ferramenta importante para treinar a escuta e pronúncia da idioma, que, até então, vinha sido transmitida apenas na forma de índices escritos, com a pronúncia ensinada na interação face-a-face.

Sendo o *corpus* do guató mais robusto que atualmente existe, nosso material deve necessariamente integrar qualquer planejamento de *corpus*. Entretanto falta-nos ainda planejar melhor o *corpus* no sentido de atender às demandas comunicativas das duas comunidades. Já perseguimos este objetivo, visto que já fizemos elicitções acompanhados pelo então cacique Luiz

¹⁰ Disponível em <http://japiim.linguasyanomami.com/dic/guato/index.php>.

Carlos e pelo então professor Felipe e buscamos, na medida do possível, estar em contato com a professora atual de Língua Étnica, Francisca.

Somando-se com o *status* que o guató apresenta nas duas comunidades, como idioma distintiva de seu povo, tais *corpora* podem impulsionar a revitalização. Entretanto, ainda falta transformar estes dados em materiais mais bem formatados à aquisição. Propriamente, nenhum destes acervos foi criado de modo planejado para ser inserido em atividades específicas nas localidades guató.

5. AQUISIÇÃO

5.1 O QUE É PLANEJAMENTO DE AQUISIÇÃO?

A aquisição é o momento capital do planejamento linguístico, visto que é quando são formados novos falantes. É necessário pensar em como a língua será adquirida, quais serão as atividades concretas de ensino, quais pessoas vão aprender e quais vão ensinar. Logo, os transmissores-educadores devem estar preparados, com conhecimento e competência para transmitir de forma efetiva determinado *corpus*. Não basta apenas ser falante de uma língua alvo, tampouco basta ser linguista ou professor de forma geral. Os transmissores de língua devem ter um preparo específico voltado ao contexto da aquisição.

O uso da língua, seu *status*, deve ser avaliado para que boas atividades de aquisição sejam propostas. É importante começar com pequenas ações e formular atividades que gerem engajamento da comunidade. As ações devem ser encadeadas em uma sequência estruturada. Por fim, é necessário ter meios de avaliar o impacto destas ações na comunidade.

5.2 PASSANDO A IDIOMA PARA FRENTE

5.2.1 NA TI GUATÓ

Na escola indígena da TI Guató, o guató é ensinado na disciplina de Língua Étnica, que faz parte do currículo desde que a escola foi instituída em 1994. O conteúdo lecionado nessa disciplina inclui palavras e frases exortativas e se baseia, principalmente, nas anotações de <Matôdjárho>. Além disso, os alunos aprendem canções compostas para fins didáticos pelo finado /d̥ʒɔd̥ʒotóga/.

As aulas são bem-sucedidas no seu propósito. Aqueles que passaram pela escola da TI Guató nomeiam animais e alimentos, assim como sabem frases de convite. Por exemplo, quando estávamos na lancha a caminho da TI Guató em 2018, conhecemos Davi, de 10 anos, que nos disse *Kira garogyni mama mao* 'Vamos comer mandioca e anta'.

No entanto, os professores reconhecem que uma grande dificuldade para eles é produzir sentenças em guató. Por isso, o ensino da língua continua limitado ao nível lexical e a algumas frases

fixas. Os próprios alunos da escola cobram dos professores. Uma professora contou que seus alunos estão particularmente interessados em saber como ficam em guató as frases “O menino joga bola”, “O sapo mora na lagoa” e “A lua está bonita”. Sem saber satisfazer essa curiosidade, ela nos pediu que perguntássemos a tradução das frases para nosso consultor /d̥ʒogwápɔ/.

Os numerais apresentam um caso interessante para o planejamento linguístico do guató. No campo das línguas indígenas brasileiras, o guató apresenta um sistema numeral com valores altos (Alves, 2017). Em 2010, a Secretária de Estado de Educação do MS editou a cartilha *Guató: Gocô aréro tyto vogun ogecom – etnomatemática*, destinada aos alunos dos primeiros anos escolares. Intermeados com textos sobre práticas e artefatos tradicionais, os exercícios de matemática focam em numerais guató e operações aritméticas, como mostra a Figura 3 abaixo.

2 - LIGUE

TXENE	DUNI
TXUMO	TORRERA
DUNI	REKA
TORRERA	TXENE
REKA	TXUMO

3 - COMPLETE

T		E	N	
	U		I	
	X	U		
R		K		
		R	R	R

TABUADA DE 2:

Duni X Txene = Duni
 Duni X Duni = Reka
 Duni X Txumo = Txene kaka irá
 Duni X Reka = Txumo kaka irá
 Duni X Torrera = Kinuirá
 Duni X Txene kaka irá = Duni ibó
 Duni X Duni kaka irá = Reka ibó
 Duni X Txumo kaka irá = Txene dexuabó
 Duni X Reka kaka irá = Txumo dexuabó
 Duni X Kinuirá = Kuaimbó

Figura 3: Alguns exercícios da cartilha Guató: Gocô aréro tyto vogun ogecom – etnomatemática

A existência de valores altos no sistema numérico do guató é motivo de orgulho, contribuindo para o prestígio interno da idioma. Inclusive, os números são um dos conteúdos mais bem dominados pelos alunos da escola.

5.2.2 NA TI BAÍA DOS GUATÓ

Em comparação com a comunidade da TI Guató, a retomada da língua indígena começou recentemente na TI Baía dos Guató. Até agora, foram realizadas três oficinas de revitalização, organizadas por uma equipe da UFRJ, incluindo os autores deste artigo, como mostra a Tabela 4 abaixo. O processo que levou à colaboração entre a comunidade e a UFRJ foi descrito de forma inicial em Franchetto e Godoy (2017).

	Datas	Organizadores	Apoio
1ª oficina	20 a 29 de agosto de 2016	Bruna Franchetto, Gustavo Godoy	CNPq ¹¹ , Funai ¹²
2ª oficina	10 a 15 de julho de 2017	Gustavo Godoy, Walter Alves, Kristina Balykova	CNPq, Funai
3ª oficina	19 a 21 de dezembro de 2018	Gustavo Godoy, Kristina Balykova	Funai

Tabela 4: Oficinas de revitalização na TI Baía dos Guató

Desde que nos envolvemos com a revitalização do guató, pretendíamos levar em conta a experiência dos Guató de Mato Grosso do Sul. Em 2016, as lideranças da TI Guató e a linguista Adriana Postigo foram convidadas à primeira oficina de revitalização. Por questões de política interna da TI Guató, não foi possível fazer a viagem. Porém, até hoje, os dois grupos guató mantêm a ideia de um intercâmbio em potencial.

Quando estivemos na TI Baía dos Guató, uma das reivindicações mais urgentes era reaver a escola, que havia funcionado por pouco tempo, entre 2006 e 2009. A ausência da instituição no local fazia com que várias famílias se mudassem para Poconé, uma cidade vizinha, para que suas crianças pudessem estudar. Em julho de 2019, a escola da TI Baía dos Guató foi finalmente reaberta, e a língua guató virou uma das matérias lecionadas. Infelizmente, ainda não tivemos a oportunidade de visitar a Baía dos Guató e saber como se dá o processo de ensinar a língua indígena por lá.

Com as aulas preparadas na primeira e na segunda oficina, montamos duas cartilhas, que apresentam listas de palavras e frases simples. A apresentação dos *corpora* disponíveis, escritos em

¹¹ Projeto “Línguas Indígenas ameaçadas: pesquisa e teorias linguísticas para a revitalização” (Edital Universal 2014, Proc. 454950/2014-4), coordenado por Bruna Franchetto (UFRJ).

¹² A articulação com a Funai foi realizada, principalmente, com a mediação de Chiquinha Pareci que, então, era responsável pela articulação política e logística das oficinas e funcionária da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso.

diferentes ortografias, exigiu uma redução ortográfica. Gustavo Godoy introduziu uma ortografia provisória, distinta da utilizada na TI Guató, pois os pesquisadores ainda não tinham conhecimento dessa outra ortografia na época. Uma das maiores diferenças entre as duas escritas está na representação das africadas pós-alveolares /tʃ/ e /dʒ/. Na TI Baía dos Guató, elas são representadas por <x> e <j>, respectivamente. Esta escolha foi feita com base no dialeto pantaneiro utilizado na região, o “falar cuiabano”. Nesta variedade de português, as fricativas pós-alveolares /ʃ/ e /ʒ/ de outros dialetos são substituídas pelas africadas /tʃ/ e /dʒ/: fala-se <caju> como “cadju” e <viola de coxo> como “viola de cotcho”. Por isso, optou-se por escrever /márótʃa/ como <máróxa> ‘gato’, por exemplo. Já a variedade do português falada na TI Guató não substitui as fricativas pelas africadas e lá as africadas /tʃ/ e /dʒ/ do guató são representadas por <tx> e <dj>, respectivamente. Portanto, a palavra para ‘gato’ se escreve como <marotxa>.

Na primeira oficina de revitalização na TI Baía dos Guató, o conteúdo lecionado incluiu, sobretudo, itens lexicais de diferentes campos semânticos: animais, plantas, cultura material, parentesco, partes do corpo e números. O conteúdo apresentado durante a oficina virou uma cartilha, que foi devolvida à comunidade em formato PDF por meio de celulares. Além de listas de palavras, essa cartilha apresenta algumas frases, como *Déra gwajo?* ‘O que você está vendo?’ e *Nakypyo* ‘Estou com calor’, como mostra a Figura 4 abaixo. Também pode-se observar que, nessa cartilha, foram incluídos desenhos de crianças que participaram da oficina.



Figura 4: Desenhos de crianças guató utilizados na confecção da 1ª cartilha

Nas aulas da segunda oficina, também apresentamos léxico, mas focamos em construções, tais como frases com os verbos <j> ‘ver’, <ro> ‘comer’ e o existencial <gu> ‘ter’. O conteúdo lecionado durante a oficina (como novos itens lexicais, construções desiderativas e exortativas) também foi passado em formato PDF para celulares de membros da comunidade antes da nossa partida. A segunda cartilha ficou menos elaborada do que a primeira cartilha em termos de formatação, por exemplo, não pudemos incluir desenhos de crianças nela.

Para esta segunda oficina, confeccionamos como material de aquisição um baralho de cartas que representavam animais típicos do Pantanal com seus nomes em guató, ideia de Walter Alves. As cartas foram desenhadas no papel e, depois, plastificadas para maior durabilidade.

Embora simples, este material teve um impacto considerável nas atividades de transmissão. Com essas cartas, visávamos criar situações em que os alunos tivessem que interagir entre si em guató. As cartas serviram de diferentes modos. Um deles foi o jogo da memória. Para incentivar que o jogo da memória não dependesse somente da imagem, mas também da palavra guató, exigimos dos participantes que, após encontrarem um par, falassem o nome guató da espécie em questão para poderem ganhar pontos. O jogo da memória foi um sucesso, um material que gerou muito engajamento por parte das crianças. Além disso, os adultos acompanharam no entorno o jogo, participando, assim, da aquisição de forma mais indireta.

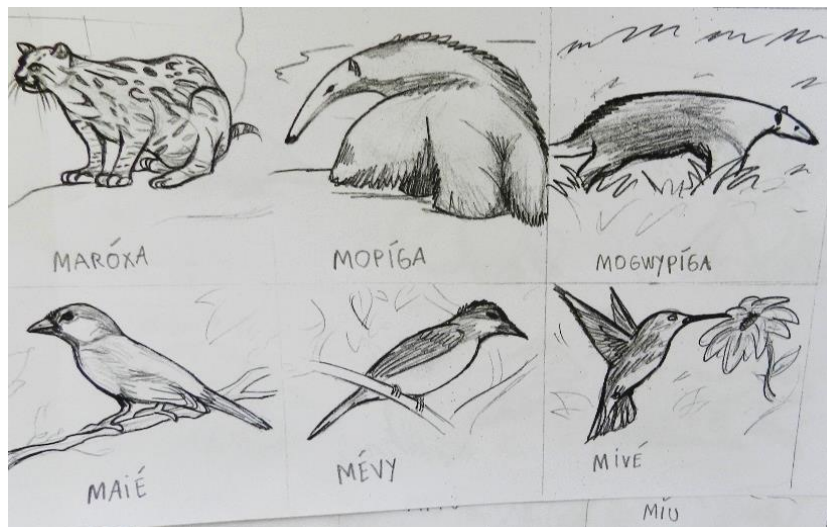


Figura 5: Algumas cartas antes de serem cortadas

Também usamos as cartas em diálogos simples, em que um par de alunos questionava um ao outro o que estava vendo. Assim, uma pessoa perguntava à outra qual animal ela estava vendo na carta e a outra respondia com o nome do animal.

No final da oficina, deixamos o jogo com as crianças e, ao voltarmos em 2018, descobrimos que elas ainda usavam as cartas para brincar. Certamente, embora simples, estas cartas foram o material mais interessante para a aquisição.

Quando realizamos a última oficina, em 2018, já tínhamos avançado muito mais em nosso trabalho documental e descritivo. Por isso, do ponto de vista do conteúdo, é a oficina que achamos mais interessante. Foi a primeira baseada em dados inéditos, coletados durante nossos trabalhos de campo e não registrados anteriormente. Nos exercícios gramaticais, combinamos pronomes pessoais

e alguns nomes em construções predicativas do tipo “Nós somos Guató” ou “Eu sou chefe”. Além disso, lemos e traduzimos uma versão simplificada de uma história sobre um bugio enorme que sequestra uma mulher. Essa história foi contada pela consultora */dʒariguka/*, sendo transcrita e analisada em Balykova & Godoy (2019). O material da terceira oficina foi entregue à comunidade em papel e em formato PDF.

Apesar da sua brevidade e descontinuidade, as oficinas tiveram um impacto significativo, pois quando voltamos à Baía dos Guató em 2017 e 2018, os moradores lembravam de muitas palavras ensinadas anteriormente. Porém, durante essas oficinas, enfrentamos um desafio com o qual não conseguimos lidar da melhor maneira. Muitos dos Guató adultos que estavam presentes nas aulas, motivados e dispostos a aprender, não eram alfabetizados. Por termos priorizado o uso do quadro negro e a apresentação do material por escrito, não conseguimos envolver esse público em todas as atividades propostas. Mesmo assim, os aprendizes sem domínio da escrita assistiram as aulas atentamente.

Um dos participantes mais assíduos foi um senhor não alfabetizado, que apesar de nosso despreparo para tal situação, se empenhou em captar a aula. Um segundo senhor guató, igualmente não alfabetizado, mostrou que se lembrava de cumprimentos e de outras palavras adquiridas nas oficinas anteriores. Um terceiro senhor guató ainda pediu-nos para copiar para ele as palavras, pois ele mesmo não poderia, visto que não sabia escrever. Mais tarde, ele disse que pediria para seus netos lerem o conteúdo que ensinamos. Percebemos que deveríamos ter pensado melhor nas questões de *quem* estaria na oficina e *como* deveríamos ter organizado a transmissão, para ter utilizado uma dinâmica menos centrada na escrita e leitura.

Não temos muito conhecimento sobre o processo de transmissão da língua, como vem ocorrendo na Baía dos Guató, pois não fizemos um trabalho de campo que nos permita entender qual impacto a revitalização teve na comunidade. Por enquanto, não temos planos, nem financiamento. Só tivemos notícias esparsas sobre as aulas nesta TI. Entretanto, nas duas Tis ainda faltam esforços para tornar a língua vital no contexto mais cotidiano das famílias e vizinhança, visto que, ao que nos parece, a idioma é usada tão somente como um objeto escolar.

6. PERSPECTIVAS

A fogueira do guató foi reacendida na esfera pública de seu povo e aquecida nas reivindicações territoriais, étnicas e escolares das duas Terras Indígenas dos Guató. Estes contextos já garantem um status institucional e a aquisição de vocabulário básico. Ainda há necessidade de melhorar o *status* da idioma, para que alcance contextos interativos mais amplos do cotidiano.

O planejamento de *corpus*, já em andamento há anos na comunidade da TI Guató, recebeu conosco um corpo documental até então inexistente. A própria retomada da pesquisa acadêmica sobre o guató já trouxe um novo fôlego para o prestígio da idioma. Embora o guató não seja uma língua com extensa documentação escrita, já havia *corpora* relevantes. Somando-se a estes, desde 2016 vimos formando um acervo documental razoável. Ainda há muito a ser documentado e descrito no guató, trabalho que foi apenas começado. Em particular, pretendemos elicitare mais construções interrogativas, indispensáveis para a formação de diálogos. Além de ampliar o *corpus*, pretendemos melhorar o acesso das comunidades aos dados coletados, para que os possam manejar de forma autônoma.

Quanto a materiais para aquisição, há muitos espaços que o guató pode ocupar: em aplicativos de celulares, páginas da Internet, na paisagem dos entornos das aldeias, em jogos de tabuleiros, livros infantis, em nomes próprios e na tradução de práticas religiosas. Embora o espaço escolar seja fundamental e tenha reestruturado com seu prestígio o *status* da idioma, é importante que os contextos comunicativos sejam ampliados, em atividades planejadas de acordo com os interesses das duas comunidades. O exemplo do engajamento em jogo da memória na TI Baía dos Guató sugere que materiais lúdicos de aquisição podem ser uma boa contribuição. Os materiais para o ensino da língua ainda são escassos, e sua elaboração deverá ser priorizada nas futuras atividades de revitalização, em conjunto com as comunidades.

Até debaixo d'água, as chamadas do guató persistem, e o planejamento linguístico ainda vai botar lenha nessa fogueira.

REFERÊNCIAS

- Alves, W. de O. C. (2017). *O sistema numeral da língua guató* [Monografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. <http://www.etnolingustica.org/tese:cavalcanti-alves-2017>
- Amaral, L. (2020). Estratégias para a revitalização de línguas ameaçadas e a realidade brasileira. *Cadernos de Linguística*, 1(3), 01-44. <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n3.id251>
- Austin, P. K. (2017). Language documentation and legacy text materials. *Asian and African Languages and Linguistics*, 11, 23-44.
- Baldwin, D. (2003). Miami language reclamation: From ground zero. *Speaker Series*, 24. <https://writing.umn.edu/lrs/assets/pdf/speakerspubs/baldwin.pdf>

- Balykova, K. (2019). *Expressão de propriedades no guató e no wa'ikhana*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. <http://www.etnolinguistica.org/tese:balykova-2019>
- Balykova, K. (2021). Distinction between nouns and verbs in Guató. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 16(2), e20200061. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0061>
- Balykova, K., & Godoy, G. (2019). Guató: Mani gotod̥ʒókwe maegúhi mani gévú (O guaribão pegou uma mulher). *Linguística*, 15(1), 271-302. <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2019.v15n1a25570>
- Balykova, K., & Godoy, G. (2020). A perda e a retomada do guató. *Cadernos de Linguística*, 1(3), 1-15. <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n3.id230>
- Balykova, K., & Godoy, G. (no prelo). Memories of mother's words: Guató lexicon retained by two elderly non-native speakers. *Language Documentation and Description*.
- Cabeza de Vaca, Á. N. (2009). *Naufregios & comentários*. L&PM.
- Castelnau, F. de. (1851). *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du sud* (5th vol.). P. Bertrand.
- Cooper, R. L. (1989). *Language planning and social change*. Cambridge University Press.
- Fishman, J. A. (2013). Language maintenance, language shift, and reversing language shift. In T. Bhatia & William Ritchie (Eds.), *Handbook of Bilingualism and Multilingualism* (pp. 466-494). Blackwell Publishing.
- Franchetto, B., & Godoy, G. (2017). Primeiros passos da revitalização da língua guató: uma etnografia. *Linguística*, 13(1), 281-302.
- Godoy, G., & Alves, W. (2020). Notes on plurality and the count/mass distinction in Guató. *Linguistic Variation*, 20(2), 230-238. <https://doi.org/10.1075/lv.00017.god>
- Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. (2010). *Guató: Gôcô aréro tyto vogun ogecom*. *Etnomatemática*. SED.
- Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. (2002). *Pequeno dicionário da língua Guató: Guató – Português, Português – Guató*. SED.
- Grinevald, C., & Bert, M. (2011). Speakers and communities. In P. Austin & J. Sallabank (Eds.), *The Cambridge handbook of endangered languages* (pp. 45-65). Cambridge University Press.

- Himmelman, N. P. (2006). Language documentation: What is and what is it good for. In J. Gippert, N. P. Himmelmann & U. Mosel (Eds.), *Essentials of Language Documentation* (pp. 1–30). Mouton de Gruyter.
- Hinton, L., Huss, L., & Roche, G. (2018). Introduction: Language revitalization as a growing field of study and practice. In L. Hinton, L. Huss, & G. Roche (Eds.), *The Routledge Handbook of Language Revitalization* (pp. xxi–xxx). Taylor & Francis.
- McCarty, T. L. (2018) Community-based language planning: Perspectives from indigenous language revitalization. In L. Hinton, L. Huss, & G. Roche (Eds.), *The Routledge Handbook of Language Revitalization* (pp. 22–35). Taylor & Francis.
- Palácio, A. P. (1984a). *Guató: a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. <http://www.etnolinguistica.org/tese:palacio-1984>
- Palácio, A. P. (1984b). *Situação dos índios Guató em janeiro de 1984*. Manuscrito não publicado. Acervo Funai / Fundo Funai - Brasil, Processo 4683-77.
- Palácio, A. P. (1986). Aspects of the morphology of Guató. In B. F. Elson (Ed.), *Language in global perspective* (pp. 363-374). Summer Institute of Linguistics.
- Palácio, A. P. (1991). Flexão em Guató. *Investigações - Linguística e Teoria Literária*, 1, 7-18.
- Palácio, A. P. (1996). Sistema numeral em Guató. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, 19, 51-56.
- Palácio, A. P. (2000). O jogo dos marcadores pessoais em Guató. *LEITURA – Teoria e Análise Linguística*, 25, 61-66.
- Palácio, A. P. (2004). Alguns aspectos da língua Guató. *LIAMES*, 4, 161-168.
- Palácio, A. P., Balykova, K., & Godoy, G. (no prelo). Guató. In L. Michael & P. Epps (Eds.), *The Amazonian languages: An international handbook*. De Gruyter.
- Postigo, A. V. (2009). *Fonologia da língua Guató* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul]. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. <http://www.etnolinguistica.org/tese:postigo-2009>
- RAPPLIM (2021a, 14 de março). *Ana Carla Bruno no curso de introdução à revitalização linguística da ABRALIN* [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/718iuobTLZA>
- RAPPLIM (2021b, 15 de março). *Planejamento do status (curso EAD da ABRALIN de introdução à revitalização linguística - aula 4)* [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/mA4ys23WODA>.

- RAPPLIM (2021c, 29 de março). *Vilacy Galucio (Museu Goeldi) descreve o processo de documentação linguística* [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/qROxwOIKxo>
- Rondon, F. (1938). *Na Rondônia Ocidental*. Companhia Editora Nacional.
- Sallabank, J. (2012). From language documentation to language planning: Not necessarily a direct route. *Potentials of Language Documentation: Methods, Analyses, and Utilization (Language Documentation & Conservation Special Publication 3)*, 3(3), 118–125.
- Schmidt, M. (1905). *Indianerstudien in Zentralbrasilien*. Dietrich Reimer.
- Schmidt, M. (1914). Die Guato und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-Fluss in Matto-Grosso. *Baessler-Archiv: Beiträge zur Völkerkunde*, 4, 251-283.
- Schmidt, M. (1942a), Resultados da minha expedição bienal a Mato Grosso. *Boletim do Museu Nacional*, 14-17, 241-285.
- Schmidt, M. (1942b). Resultados de mi tercera expedición a los guatos efectuada en el año de 1928. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, 5(6), 41-75.
- Schmidt, M. (1942c). *Estudos de etnologia brasileira: Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos*. Companhia Editora Nacional.
- Silva, V. L. da. (2013). *Herança de um Brasil central: Aspectos do patrimônio indígena brasileiro na ótica dos viajantes e pesquisadores não brasileiros de Alexandre Rodrigues Ferreira a Claude Lévi-Strauss*. Universidade Católica Dom Bosco.
- Wilson, J. (1959). *Guató Word List*. Manuscrito não publicado. Arquivo de Línguas do Summer Institute of Linguistics, Brasília.
- Wright, S. (2004). *Language policy and language planning: From nationalism to globalisation*. Palgrave Macmillan.